

AGRI CULTURA

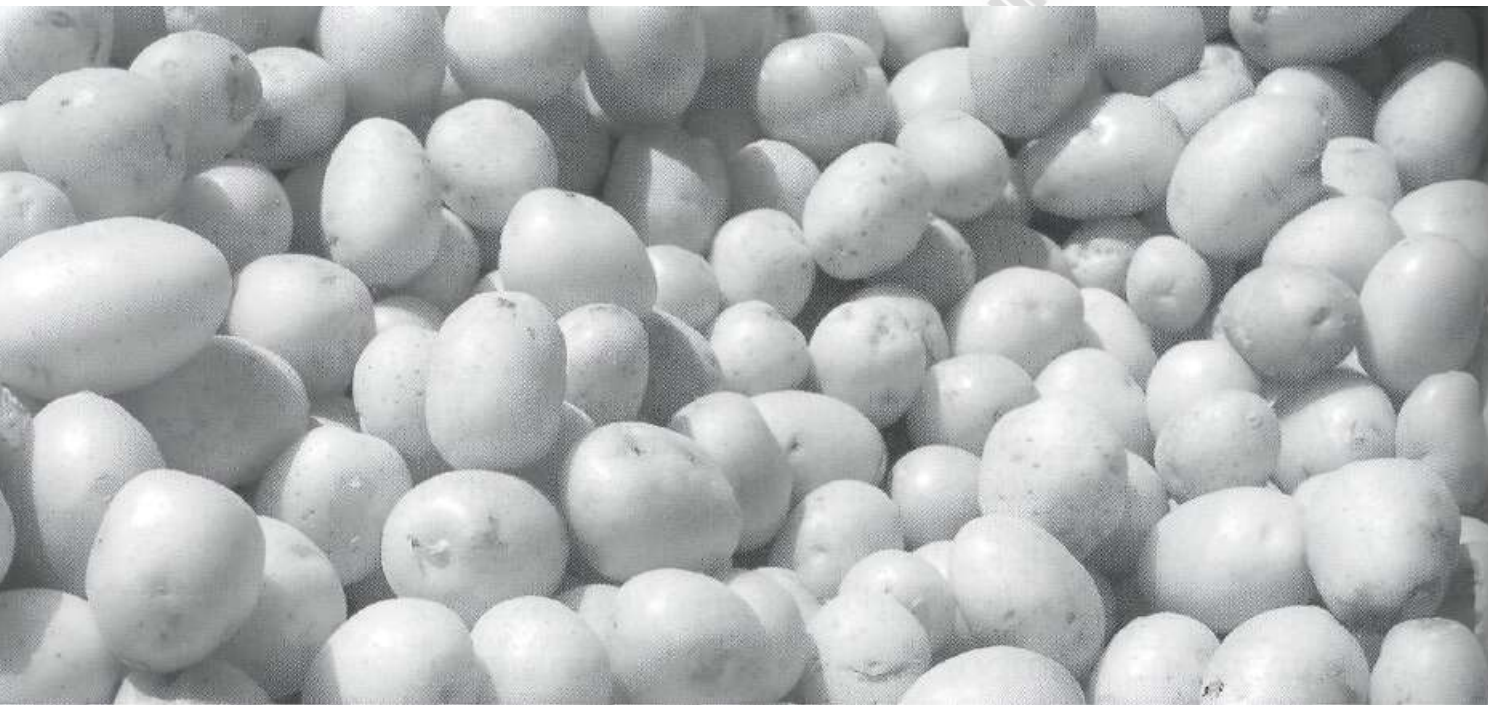
CONTINENTE COMO CELEIRO DO MUNDO

**ABASTECIMENTO
DEBATE RECORRENTE
NO PLANETA
TÂNIA RABELLO**

A recente alta explosiva dos preços dos alimentos pôs o mundo em alerta. Cada vez mais se pesquisam soluções que tornem viável uma maior produção de alimentos, condicionada, porém, à fixação do homem no campo, à preservação ambiental e dos recursos hídricos. Sob este aspecto, o continente latino-americano tem todas as condições de se tornar um dos principais responsáveis pelo abastecimento mundial de alimentos, garante o ex-ministro da Agricultura do Brasil, Roberto Rodrigues. "A América Latina tem capital natural, intelectual e humano para elevar a produção mundial de alimentos", diz. Os países do Mercosul, por exemplo, já são os principais exportadores

de grãos e carnes do mundo, acrescenta o representante da FAO para a América Latina e Caribe, José Craniano, ex-ministro da Segurança Alimentar e Combate à Fome do Brasil. Argentina e Brasil, conforme o estudo Novo Contexto para o Desenho das Políticas de Investigação, Inovação e Transferência de Tecnologia Agropecuária na América Latina, de Martin Pineiro Borrador, da FAO-Fodepal, foram os países que mais se destacaram, em pouco mais de uma década e meia, no aumento de exportações, sobretudo de produtos alimentícios.

de desmaiar florestas. Conforme o Censo Agropecuário do IBGE, de 2006, o Brasil dispõe de cerca de 200 milhões de hectares de pastagens, dos quais 71 milhões de hectares podem ser convertidos para a agricultura. Ou seja, pode-se praticamente dobrar a área cultivada, que é atualmente de 72 milhões de hectares. Borrador, em seu estudo, confirma: "América Latina e África são os dois continentes com uma maior dotação de recursos agrícolas não totalmente explorados. Brasil, Argentina, Paraguai, Angola e



No Peru, a batata tem incentivo de plantio.

"Num cenário em que os agricultores estão estimulados a aumentar seus plantios, já que os alimentos estão com preços em alta, nosso Continente pode contribuir enormemente para isso, inclusive para elevar a produção e baixar as cotações", complementa Rodrigues.

O Brasil, por exemplo, destaca-se como um dos únicos países do mundo que ainda têm grandes extensões de terras agricultáveis, sem necessidade

República do Congo são alguns dos poucos países que têm capacidade para expandir a fronteira agrícola de maneira significativa."

Roberto Rodrigues vai além ao defender o enorme potencial dos países tropicais na produção alimentar, lembrando da necessidade cada vez maior de substituição dos combustíveis fósseis na geração de energia pela agroenergia, produzida a partir de cultivos como cana-de-açúcar, soja,



palma, milho e outros vegetais. "Só se produz agroenergia onde há sol. E, por definição, a melhor matéria-prima para o biocombustível é a cana-de-açúcar, que se desenvolve espetacularmente nas regiões tropicais, envolvendo praticamente toda a América Latina, a África Sub-Saariana e boa parte da Ásia, regiões predominantemente pobres", explica Rodrigues.

"Assim, o novo paradigma agrícola mundial contemplará a produção de agroenergia nos países tropicais, ao mesmo tempo em que buscará a sinergia entre a agroenergia e os alimentos", diz Rodrigues. E, de novo, na opinião de Rodrigues, a cana domina o cenário: "A cana precisa ter 20% de seus plantios renovados anualmente. Nessas áreas de renovação, cultivam-se alimentos como soja, amendoim e feijão."

Para não excluir o pequeno produtor desse processo de cultivo em grande escala, tanto de alimentos quanto

Países andinos, tem como tradição, consumir a folha da coca que agora tem sido parcialmente substituída por outros vegetais, como a banana.





*Milho, tradição indígena que
influencia toda a
América Latina.*

de biocombustíveis, Rodrigues, que já foi presidente da Aliança Cooperativa Internacional (AIC), defende a união dos pequenos produtores em cooperativas. "A cooperativa é a maneira de o pequeno se tornar grande", diz Rodrigues. "Além disso, é fundamental a estruturação de instituições de pesquisa em toda a América Latina", diz Graziano, acrescentando que praticamente só Argentina e Brasil possuem sólidas instituições de pesquisa na América Latina. "Tudo isso tem de vir acompanhado com um bom trabalho de assistência técnica ao pequeno agricultor. A América Latina precisa remontar seu serviço de assistência técnica."

No âmbito do continente latino-americano, há várias iniciativas que visam o fortalecimento da agricultura local, a redução da dependência de importações e, conseqüentemente,

uma maior oferta de alimentos, tanto internamente quanto mundialmente. A FAO, por exemplo, trabalha em parceria com os governos latino-americanos para resgatar o cultivo de vegetais de consumo tradicional em seus respectivos países, mas que estavam em segundo plano por causa da importação de grandes volumes de alimentos a preços baratos. Com a alta dos preços dos alimentos, passou a não ser tão compensador importar.

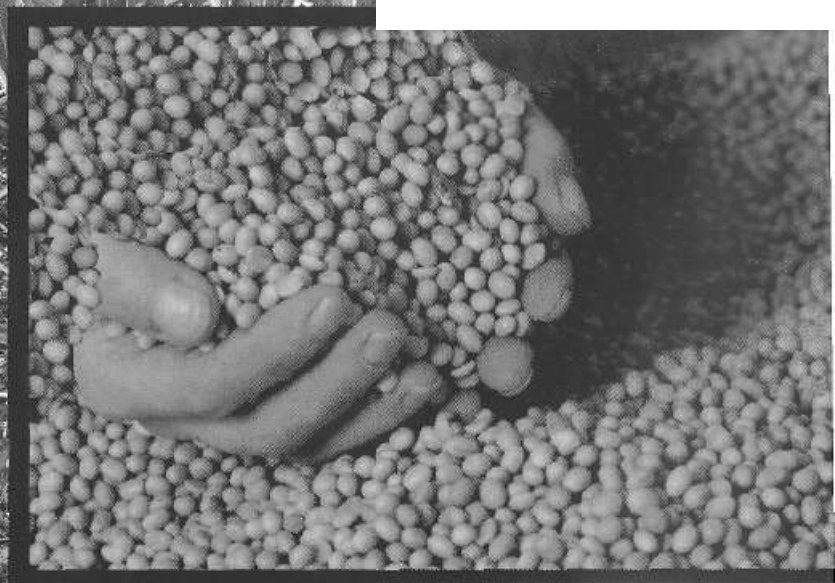
"Na América Central, por exemplo, que é altamente dependente de importação de trigo e milho cios Estados Unidos, estamos estimulando o cultivo de um feijão mole, muito consumido localmente", diz Graziano. Na Bolívia, o cultivo de coca vem sendo substituído por palmito, banana, maracujá, mamão papaia e outras culturas, por força da Lei do Regime da Coca e Substâncias Controladas, de 1988, que obriga que regiões que produzem coca exclusivamente para o narcotráfico (coca excedente) a substituir a coca por alimentos, num programa conhecido como Desenvolvimento Alternativo Integral.

No Peru, uma cultura que, ironicamente, foi "domesticada" nos Andes peruanos mas que é pouco consumida no país, a batata, também tem tido seu plantio estimulado, por intermédio do bem-sucedido programa Papa Pan, de fornecimento de pão de batata e outros derivados na merenda escolar do Peru, relata Graziano.

Recentemente, também, em meados de junho, uma Organização Não-Governamental chilena, o Rimisp (Centro Latino-Americano para o

*Na América Central,
incentivo para o cultivo do feijão.*





Desenvolvimento Rural), promoveu um encontro em Itatiba (SP), do qual participaram jornalistas do Brasil, do Peru, da Bolívia, da Colômbia, do México, do Chile, da Nicarágua, do Equador e de Honduras, para debater o tema desenvolvimento rural, intimamente ligado à produção de alimentos e à fixação do pequeno agricultor no campo. Uma das Unhas de atuação do Kimisp é a divulgação dessas experiências bem-sucedidas no âmbito do continente latino-americano, como um estímulo para que elas se tornem políticas públicas.

Durante o encontro, os jornalistas debateram formas de ampliar a cobertura do tema desenvolvimento rural em seus respectivos veículos de comunicação e instituíram um fórum, via internet, a Rede Imprensa Rural, da qual o Rimisp também participa, para continuar debatendo o tema, trocando reportagens e informações sobre desenvolvimento rural. Para a editora de Economia do diário boliviano *La*

Prensa, Susan Velasco, o que chamou a atenção no encontro, em uma das visitas a pequenos agricultores do Estado de São Paulo, foi o estímulo que o governo dá ao pequeno agricultor, por intermédio de crédito agrícola, o que demonstra um reconhecimento de seu desempenho por ser a base produtiva da economia brasileira", diz. "Na Bolívia, essa modalidade está sendo aplicada só recentemente", explica.

Sobre o fórum, graças à intermediação do Rimisp, segundo Susan, "criamos a Rede Imprensa Rural, um espaço aberto de coordenação para jornalistas latino-americanos que cobrem o tema desenvolvimento rural estabelecerem os efeitos econômicos, sociais, políticos e ambientais dos fatos, com base na análise de dados e no intercâmbio de informação."

Tânia Rabelo é jornalista, editora assistente do Suplemento Agrícola, do jornal O Estado de S. Paulo.